

## A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA REAPROXIMAÇÃO CONCEITUAL DA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

Paulo Roberto Teixeira de Godoy\*

### RESUMO:

O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão do conceito lefebvreviano de 'produção do espaço'. O intuito é trazer contribuições para a análise do conjunto de pressupostos que está inserido na concepção do autor. Para tanto, inicia-se com uma exposição da categoria Trabalho como forma de analisar o conceito de 'produção'; em seguida, apresenta-se quatro elementos de análise do espaço desenvolvida pelo autor e os desdobramentos do conceito em diferentes momentos de sua obra.

### PALAVRAS-CHAVE:

Produção do espaço; Trabalho; Espaço social.

### ABSTRACT:

The objective of this article is to present a revision of the lefebvreviano concept of 'production of the space'. Intention is to bring contributions for the analysis of the set of estimated that they are inserted in the conception of the author. For in such a way, Work is initiated with an exposition of the category as form to analyze the concept of 'production'; after that, one presents four elements of analysis of the space developed for the author and the unfoldings of the concept at different moments of its workmanship.

### KEY WORDS:

Production of the space; Work; Social space.

### A CATEGORIA TRABALHO NA SUTURA ESPAÇO/SOCIEDADE

A discussão de cunho marxista acerca da possibilidade de uma teoria do espaço social sob o pressuposto de sua produção, encontra-se de maneira original na reflexão do filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991). O problema da teorização do espaço surge, no pensamento do autor, a partir do trabalho intenso de leitura das obras de Karl Marx e das indagações sobre a reprodução das relações sociais e ao sentido da organização do espaço no contexto das lutas de classes e de expansão territorial do sistema capitalista.

Na análise da problemática da 'produção do espaço', Lefebvre (1973, p. 78) levanta as seguintes questões: "quem produz e para quem? O que é produzir? Como e por que produzir?" As respostas devem levar em consideração, segundo o autor, que o conceito de produção não possui um único sentido, isto é, há uma dupla determinação e, portanto, sentidos diferenciados quanto ao valor explicativo. Pode-se dizer que existe um sentido estrito e um sentido geral, mais amplo.

Segundo Lefebvre (1973, p. 79-80):

*"a dupla acepção do termo decorre de que 'os homens' em sociedade produzem ora coisas*

*(produtos), ora obras (todo o resto). As coisas são enumeradas, contadas, apreciadas em dinheiro, trocadas. E as obras? Dificilmente. Produzir, em sentido amplo, é produzir ciência, arte, relações entre seres humanos, tempo e espaço, acontecimentos, história, instituições, a própria sociedade, a cidade, o Estado, em uma palavra: tudo. A produção de produtos é impessoal; a produção de obras não se compreende se ela não depende de sujeitos”.*

O sentido do conceito não faz referência somente à produção material *stricto sensu*, mas defini-se a partir das relações envolvidas no processo produtivo como um todo, bem como, as instituições responsáveis pela reprodução dessas mesmas relações, a saber: o direito, a família, o sistema jurídico, o Estado e etc. A produção refere-se também, de acordo com o autor, à produção de fatos, de acontecimentos históricos, de conflitos e de guerras.

Embora o conceito de ‘produção’ encontre-se além da materialidade, a categoria central que o fundamenta é, sem dúvida, a categoria Trabalho. Na concepção de Marx, o conceito de Trabalho pode ser entendido como aquele ligado a atividade teleológica de transformação da natureza e como síntese inseparável da natureza objetiva, circundante, e a natureza subjetiva do homem. O trabalho constitui o “princípio gerador” do homem e não apenas uma atividade produtiva, mas de constituição de uma natureza objetiva e de um horizonte de apreensão e transformação da realidade. O conceito apresenta dupla dimensão: a de transformação da natureza e de constituição de objetos, estes trazem o momento da objetividade de sua produção.

Nas palavras de Lefebvre (2001, p. 37-39) a ‘produção’ envolve não somente o sentido econômico do termo, mas o “sentido da filosofia inteira: produção de coisas (produtos) e de obras, de idéias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e de verdades”. Porém, diz o autor, “quem diz ‘produção’ diz também ‘reprodução’, ao mesmo tempo, física e social: reprodução do modo de vida”. Neste

sentido, a ‘produção’ misturada à atividade material e ao mercado de trabalho constitui a linguagem da vida real (LEFEBVRE, 2001).

Embora o conceito de produção implique necessariamente em realização efetiva de trabalho, este se apresenta muito mais decisivo para a fundamentação da concepção sobre a ‘produção do espaço’, do que o próprio conceito de produção. A categoria Trabalho, na visão de Lefebvre, estabelece, em princípio, uma forma de analisar e entender a sociedade, o Estado, o capital, o poder, a produção e as relações espaço/sociedade. O Trabalho enquanto categoria de análise não se reduz a exploração apenas da natureza objetiva das condições materiais e imateriais da produção em geral, mas a compreensão do que está além da exteriorização da ideologia e da objetivação das formas concretas, o que conduz à compreensão da própria gênese cultural do Homem. O homem histórico, neste caso, resulta do seu próprio trabalho.

Esta argumentação torna-se necessária por duas razões: a primeira refere-se a uma questão de método. O caráter inteiramente instrumental do trabalho imprimiria aos conceitos de Homem e de Natureza uma dimensão unilateral e restrita unicamente à materialidade e ao potencial de transformação da natureza exterior, com efeito, caracterizaria o trabalho alienado. A segunda razão está relacionada à possibilidade de superação do sujeito histórico frente às contradições do modo de produção capitalista em direção a uma sociedade libertária e comunista.

A concepção de Lefebvre sobre a ‘produção do espaço’ não implica numa leitura ortodoxa da produção-circulação-consumo, ou mesmo da espacialização do valor. O conceito possui um sentido histórico e sócio-cultural por conter uma dimensão temporal, subsumindo a historicidade do conceito de trabalho e uma dimensão espacial definida no momento da objetivação do trabalho concreto e do trabalho abstrato.

Para Marx, a atividade produtiva apresenta-se, de maneira geral, como sendo homogênea, porém, devem-se fazer distinções conceituais que são decisivas para a compreensão do seu pensamento. Antunes (1995, p. 76) ressalta que, se “de um lado, tem-se o caráter útil do trabalho, relação de intercâmbio entre os homens e a natureza, condição para a produção de coisas socialmente úteis e necessárias”. Tem-se, igualmente, o “dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada. Aqui aflora sua dimensão abstrata”.

A análise esboçada até aqui auxilia, em parte, a interpretação e a compreensão da problemática conceitual do Trabalho. Deve-se buscar, sobretudo na obra original de Marx, os fundamentos de tal problemática. Para ampliar a compreensão da categoria Trabalho o autor de *O Capital* procura esclarecer, inicialmente, os conceitos de mercadoria, trabalho abstrato, trabalho concreto, valor de uso e valor de troca. Marx explicita, no início de seus estudos que a mercadoria, configuração específica do movimento do capital, aparece-lhe como duas coisas: como valor de uso e valor de troca, e que, mais tarde, verificou-se que o trabalho comporta duplo sentido, pois quando se expressa como valor de troca não agrega mais as mesmas particularidades que lhe pertenciam como gerador de valor de uso. Desse modo, referindo-se à mercadoria, o que faz uma determinada coisa possuir um valor de uso é a sua utilidade; o trabalho útil, dessa forma, é aquele cuja utilidade se patenteia no valor de uso do seu produto ou cujo produto é um valor de uso. Sob esse ângulo de interpretação, o Trabalho sempre estará associado ao seu efeito útil; Neste sentido, o Trabalho que produz valores de uso é de natureza qualitativa, portanto, com características específicas. Este tipo de trabalho Marx denomina de trabalho concreto.

A materialização do Trabalho leva-nos, então, a pensar o espaço como contendo dupla dimensão: o espaço como valor de troca e como

valor de uso. Neste aspecto, Lefebvre argumenta (apud GOTTDIENER, 1993, p. 127)

*“que o espaço possui múltiplas propriedades num plano estrutural. É ao mesmo tempo um meio de produção como terra e parte das forças sociais de produção como espaço. Como propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo, um instrumento político, e um elemento na luta de classes”.*

Os conceitos de trabalho e de produção apresentam características distintas se considerados a partir da práxis e do conflito social que os colocam em movimento. O espaço social produzido por essas relações contém, em sua formação, a dialética das relações sociais. Para analisar mais de perto a intenção de Lefebvre neste aspecto, deve-se buscar os argumentos na abordagem do próprio autor a respeito da ‘produção do espaço’.

### A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

*“‘To produce space’: this combination of words would have meant strictly nothing when the philosophers exercised all power over concepts. The space of the philosophers could be created only by God, as his first work; this is as true for the God of the Cartesians (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz) as for the Absolute of the post-Kantians (Schelling, Fichte, Hegel). Although, later on, space began to appear as a mere degradation of ‘being’ as it unfolded in a temporal continuum, this pejorative view made no basic difference: though relativized and devalued, space continued to depend on the absolute, or duration in the Bergsonian sense” (LEFEBVRE, 1991, p. 73).*

*Oh, Deuses! Aniquilai o espaço e o tempo e tornai dois amantes felizes.*

A frase acima provavelmente levou Marx elaborar a famosa máxima: *a aniquilação do espaço pelo tempo*. Frase esta presente em sua quinta tese contra Feuerbach. Neil Smith (1988)<sup>1</sup> nos orienta a este respeito em seu livro "Desenvolvimento Desigual", quando argumenta que tal frase provavelmente pertença a um poeta do início do século XVIII, Alexander Pope, em um de seus poemas. Marx, segundo Smith (1988), aproveita a frase, mas altera completamente o seu sentido. Acredita-se que a partir da idéia de aniquilação do espaço pelo tempo é que Lefebvre levanta a possibilidade de teorização do espaço social sob o pressuposto de sua produção.

A tendência universalizante, homogeneizante e fragmentadora do capital, pressupõe a exigência da organização da base material de modo a produzir as condições de fluidez e aceleração da circulação das mercadorias. Neste sentido, não sem conflitos e contradições, o tempo enquanto medida necessária para a definição do valor, tende a suplantar os obstáculos espaciais como um meio de ampliar o potencial de acumulação do capital.

Neste sentido, Lefebvre parte de quatro aspectos fundamentais para a compreensão do espaço como estrutura social. O primeiro refere-se ao *design espacial*; Na acepção do autor, o *design espacial* constitui um aspecto fundamental das forças produtivas da sociedade. Esta argumentação torna-se necessária, pois evita reduzir o espaço somente à dimensão da produção. Além disso, reduzir o espaço a tal pressuposto é operar uma amputação da estrutura social e das condições de sua própria reprodução e funcionamento.

O segundo aspecto refere-se à *práxis* como uma atividade possível em escala local que pleiteia um engajamento da ação na organização social. Para Lefebvre, é através do espaço produzido que a sociedade se reproduz em sintonia com uma determinada ordem forjada pelas relações capitalistas de produção e que está em íntima relação com o primeiro aspecto mencionado.

Por outro lado,

*"o espaço não é apenas parte das forças e meios de produção, constitui também um produto dessas mesmas relações. Lefebvre observa que, além de haver um espaço de consumo ou, quanto a isso, um espaço como área de impacto para o consumo coletivo, há também o consumo do espaço, ou o próprio espaço como objeto de consumo" (GOTTDIENER, 1993, p. 129).*

Finalmente, Lefebvre aponta como quarto aspecto, a problemática do *conflito de classes sociais*, cuja origem encontra-se na contradição das relações entre capital e trabalho que se estilham mediante a pulverização gerada pelo princípio da propriedade privada dos meios de produção.

Diante desses aspectos resumidamente mencionados, vale indagar a respeito do significado da ciência que efetua a leitura e análise do espaço. Neste sentido, o autor enfatiza:

*"Ciência do Espaço? Não. Conhecimento (teoria) da produção do espaço. A ciência do espaço (matemática, física, etc.) é do domínio da lógica, da teoria dos conjuntos e coesões, sistemas e coerências. O conhecimento do processo produtivo, que faz entrar na existência social este produto que é o mais geral de todos – o espaço – é do domínio do pensamento dialético, que lhe apreende as contradições. É neste espaço dialectizado (conflitual) que se consuma a reprodução das relações de produção. É este espaço que produz a reprodução das relações de produção, introduzindo nelas contradições múltiplas, vindas ou não do tempo histórico." (LEFEBVRE, 1973, p. 18-20).*

Outro problema colocado por Lefebvre (1973), refere-se à passagem, metodológica, entre as representações abstratas do espaço ao espaço social (espaços reais). De acordo com o autor, a ordem fundada na divisão sócio-espacial do trabalho e na racionalidade instrumental – razão técnica – articula um conjunto de conceitos e principiamentos que faz com que o simulacro da coesão social apareça

como fundamento lógico de explicação das relações concretas que organizam o movimento global do capital e suas determinações em escala local/regional.

Com efeito, argumenta Lefebvre (1973, p. 21),

*“o capitalismo conseguiu atenuar (sem resolver) durante um século as suas contradições internas e, conseqüentemente, conseguiu realizar o crescimento durante esse século posterior ao Capital. Qual o preço disso? Não há números que exprimam. Por que meios? Isso, sabemos-lo nós: ocupando o espaço, produzindo um espaço”.*

O espaço da racionalidade, da produção e da reprodução, da ideologia, do poder e, também das possibilidades de superação dos conflitos e contradições internas das relações capital-trabalho é, na acepção do autor, o espaço urbano.

A cidade, segundo Lefebvre (2001, p. 85), retrata com clareza a dupla dimensão do conceito de ‘produção’. Em primeiro lugar, diz o autor, a cidade “é o lugar onde se produzem as obras diversas, inclusive aquilo que faz o sentido da produção: necessidades e prazeres”. Em segundo lugar, concentra funções ligadas ‘a distribuição e ao consumo dos bens produzidos e ainda agrega mediações de convergências entre o movimento da totalidade e suas partes.

No conjunto da obra de Lefebvre, a cidade adquire um valor conceitual de extrema relevância para fundamentação teórica da concepção da ‘produção do espaço’ e da reprodução das relações sociais. A cidade revela, em certo sentido, a unidade das relações capital-trabalho e da história da aventura humana no domínio sobre a natureza. De acordo com o autor, a cidade “é um espaço, um intermediário, uma mediação, um meio, mais vasto dos meios, o mais importante. A transformação da natureza e da terra implica um outro lugar, um outro ambiente: a cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 85-86).

A cidade, concebida como “um sujeito, e uma força coerente, um sistema parcial que agride o sistema global, que simultaneamente o revela e o destrói” (LEFEBVRE, 2001, p. 77), conduz, à primeira vista, a um paradoxo conceitual que rapidamente o autor procura evitar. “A questão do sujeito” argumenta o autor “se liga à questão da produção”, isto é, à dialética capital-trabalho. O sentido do termo utilizado por Lefebvre não aponta para o caráter uno do conceito de produção mas, como visto anteriormente, ao sentido amplo de ‘princípio gerador’ do homem.

De acordo com o autor,

*“a produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, pois ela sublinha e precisa efetivamente os pontos comuns’ a todas as épocas. ‘É indispensável, portanto, isolar os caracteres comuns a toda produção, isto para evitar que a unidade resultante da identidade do sujeito – ‘a humanidade’ – e do sujeito – a natureza – faça as diferenças fundamentais’. ‘A questão do sujeito e do objeto se vincula, portanto, à da especificidade das relações e dos modos de produção’. ‘A produção constitui sempre um corpo social determinado, um sujeito social’ (LEFEBVRE, 2001, p. 78).*

Segundo Lefebvre é difícil desviar-se da tentação de definir o homem como sujeito. O homem ou a sociedade como sujeito apresenta-se, num primeiro momento, como sendo puramente abstrato se não considera-lo como histórico. O homem de que fala Lefebvre (2001, p. 79), é o homem concreto, cuja práxis está entrelaçada historicamente na urdidura do tecido social. “Ao sujeito – diz o autor - demasiadamente pessoal, se opõe o sistema, impessoal. Se é necessário escolher, como escolher? Não é necessário escolher uma outra via, evitando o dilema: ou Sujeito ou Sistema?”.

O dualismo que encarcera a reflexão de Lefebvre sobre o sujeito, revela-se também na deficiência teórica do conceito de espaço. O espaço social como condição de reprodução do trabalho adquire dois sentidos: ora como produto do trabalho, e neste caso representa

uma dimensão material que expressa a racionalidade do capital; ora como condição e resultado da práxis do sujeito histórico que alude à possibilidade de superação das contradições geradas no seio do processo de produção de mercadorias, ou seja, a condição imaterial que sustenta-se enquanto mediação.

Para Lefebvre,

*“as relações espaciais são geradas logicamente, mas tornam-se dialeticizadas através da atividade humana no espaço e sobre ele. É este espaço dialeticizado e de conflito que produz a reprodução, introduzindo nele suas múltiplas contradições”* (SMITH, 1988, p. 139).

Pode-se pensar aqui na seguinte proposição: se a cidade constitui-se no *locus* da produção e, portanto, da reprodução e da acumulação capitalista, e traz em suas formas – *design espacial* – a representação da objetividade das relações de produção, com efeito, a metamorfose espaço-ideologia; como superar as determinações da totalidade em uma perspectiva do sujeito e não do sistema? Como superar as contradições da produção se o sujeito se encontra preso à subjetividade reificada pelas relações mercantis?

Segundo Smith (1988, p. 141-142) “a razão da imprecisão conceitual advém da tentativa de ligar a importância do espaço ao projeto político mais amplo segundo o qual a problemática da reprodução desloca a da produção”. Contudo, Lefebvre busca fundamentar a concepção de produção de espaço na teoria reproducionista sem aludir para as dificuldades de desenvolvê-la posteriormente na ótica do marxismo. De acordo com Smith (1988, p. 142), a “teoria da produção do espaço não representa uma ruptura radical com a tradição marxista clássica, especialmente se estamos certos no que diz respeito à produção da natureza e à relação entre natureza e espaço”.

Smith (1988), entretanto, não considera na leitura que faz de Lefebvre, os aspectos relacionados à possibilidade de desenvolver

uma base teórica crítica de análise do espaço social. Santos (1979), ao contrário, reabre a perspectiva lefebvreviana quando propõe a construção de uma geografia crítica.

Segundo Santos (1980, p. 161) na esteira de Lefebvre,

*“o ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”. Neste sentido, diz o autor, a Geografia se ocupa da análise do espaço transformado pelo movimento histórico em diferentes escalas através das noções de totalidade e de tempo. Isso ocorre devido ao fato de não ser possível definir os eventos históricos e espaciais “fora de suas próprias determinações ou sem levar em conta a totalidade da qual eles emanam e que eles reproduzem. O espaço social não pode ser explicado sem o tempo social”* (SANTOS, 1980, p. 206).

Milton Santos ressalta que o conceito de tempo não tem uma natureza absoluta, mas indica um movimento concreto em que é possível operar uma divisão (períodos) a partir de critérios que possuam uma correspondência empírica. Com efeito, argumenta Santos (1980, p. 207) “a noção de tempo é inseparável da idéia de sistema. A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das variáveis presentes depende estritamente das condições gerais do sistema em que se situam”.

As passagens acima ilustram a filiação das idéias de Milton Santos à perspectiva lefebvreviana de produção do espaço, bem como a respeito do objeto da Geografia. Porém, a leitura que se faz desse conjunto de pressupostos dirige-se, sobretudo para a análise da cidade e do urbano, espaço social por excelência da vida cotidiana, da reprodução das relações sociais e produção de fatos e acontecimentos históricos.

Seguindo tal abordagem, Cavalcanti (2001, p. 15), argumenta que “falar em produção do espaço é falar desse espaço como componente da produção social em geral, que tem uma lógica, uma dinâmica que é própria dessa produção social, de um modo de produção

da sociedade". Vale dizer de passagem, segundo a orientação do pensamento lefebvreviano, que não existe uma lógica do espaço, do capital ou do poder, o que há é uma aplicação sistêmica da lógica formal na produção do espaço, do poder e do capital.

Ao discutir as relações entre lógica e dialética, Lefebvre (1973, p. 17) argumenta ser impossível, atualmente, eliminar a lógica e evacuar a dialética. Neste aspecto o autor toma o exemplo do espaço social.

*"Este [o espaço], diz o autor, que é o lugar da reprodução das relações de produção, (que se sobrepõe à reprodução dos meios de produção), é simultaneamente ocasião e instrumento duma planificação (ordenamento do território), duma lógica do crescimento. A prática social do capitalismo implica e contém saber, lógica (busca coerência), uma ideologia da coesão e das contradições à escala local".*

Diante do exposto, pode-se considerar que o projeto teórico de Lefebvre a respeito de uma concepção do espaço a partir de sua produção, traz uma importante contribuição para a renovação do conceito de espaço, bem como a sua conformação a uma teoria crítica da sociedade e do espaço de modo a integrá-los sob a ótica de uma dialética materialista e histórica.

Contudo, uma outra questão deve ser colocada. Como se dá a tradução metodológica realizada pela Geografia sobre o pensamento de Lefebvre acerca do conceito de espaço social? Esta é uma preocupação que deve perseguir qualquer esforço teórico de análise do espaço sob o pressuposto de sua produção. Com efeito, nota-se um tratamento reducionista das contribuições trazidas pelo autor, reproduzindo os equívocos do passado positivista marcado pelo "contrabando" de conceitos e categorias sem qualquer preocupação metodológica e epistemológica.

Em suma, a pretensão de reaproximação conceitual da concepção lefebvreviana de espaço visa apenas evidenciar, com maior clareza possível, os fundamentos básicos dos pressupostos teóricos de modo a fornecer alguns pontos de partida para a reinterpretação conceitual do espaço produzido. Neste sentido, longe de esgotar a discussão aqui proposta, busca-se apenas provocar inquietações naqueles que atualmente pretendem apoiar suas análises espaciais a partir do pensamento de Lefebvre. Assim, pretendeu-se neste pequeno artigo levantar indagações e não somente fornecer respostas fáceis para o procedimento metodológico de análise do espaço social.

## Notas

<sup>1</sup> Ver: SMITH, N. Desenvolvimento desigual - natureza, capital e a produção do espaço. Tradução: Eduardo de A. Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988; especialmente o capítulo 3, parte IV, nota 47.

## Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.

CARLOS, A. F. A. Repensando a Geografia Urbana: uma perspectiva que se abre. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) *Os Caminhos da*

*Reflexão sobre a Cidade e o Urbano*. São Paulo: Editora USP, 1994.

CAVALCANTI, Lana de S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, L. de S. (Org.) *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano*. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 11-32.

GOTTDIENER, M. *A Produção Social do Espaço Urbano*. Tradução: Geraldo G. De Souza. São Paulo: Edusp, 1993. p. 310.

LEFEBVRE, H. *A Reprodução das Relações de Produção*. Tradução: Antonio Ribeiro e M. do Amaral. Porto (Portugal): Publicações Escorpião – Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973. 115 p.

\_\_\_\_\_, *The Production of Space*. Tradução (translated): Donald N. Smith. Blackwell Publishing (USA), 1991. p. 454 p.

\_\_\_\_\_, *A Cidade do Capital*. Tradução: Maria H. R. Ramos; Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_, *Lógica Formal/Lógica Dialética*. 5º Edição. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SANTOS, M. *Espaço & Método*. São Paulo: Nobel, (3. edição), 1992.

\_\_\_\_\_, *Por Uma Geografia Nova – da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 2º edição. São Paulo: Hucitec, 1980.

SILVA, Armando C. da *De quem é o Pedaco? Espaço e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SMITH, N. *Desenvolvimento Desigual – natureza, capital e a produção do espaço*. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 250.

Trabalho enviado em fevereiro de 2008

Trabalho aceito em março de 2008

